

T

Os portões da
TERRA ESCURA

VOLUME ÚNICO

Arte de capa: Alexander F

Preparação de texto: Sarah Silva

Ilustrações (manipulação de imagens): Alexander F

Ilustração (lápis): Adriana Santana

*Copyright © 2020 Alexander Fonseca
Todos os direitos reservados.*

Àqueles que contribuíram de alguma forma para que este livro exista: meu sincero muito obrigado.

O vento do tempo traz de volta o pólen das flores que vieram das sementes que plantamos.

NOTA

Esta é uma obra de ficção.

Qualquer fato, personagem, instituição histórica ou religiosa nela apresentada são tratadas de forma ficcional.

CAPÍTULO 1

Não passava das oito horas da manhã daquela segunda-feira quando, sem motivo aparente, pôde-se ouvir um barulhento ruído nas imediações do centro da cidade do Rio de Janeiro. O som surgiu abafado, como se viesse de dentro de algum lugar. Muitas pessoas já seguiam para seus trabalhos, e os que caminhavam pela Avenida Rio Branco puderam perceber, desconcertados, a estranha origem do estrondo. O som vinha de baixo, e um ruído residual fazia com que o chão ainda vibrasse instantes após aquele estranho trovão em um radiante dia de sol. Alguns desavisados poderiam pensar ser alguma obra no metrô, algum desmoronamento de marquise, ou mesmo uma bizarra frente fria invadindo o litoral carioca. Mas os poucos que caminhavam próximos à origem da vibração sonora tiveram certeza. Não tinham ideia do que se tratava, mas sabiam que, fosse o que fosse, aquilo vinha da Igreja da Candelária.

– Deve ser o sino – especulou um transeunte.

– *Tá* com cara de ser bomba! – apregoou um vendedor ambulante próximo à Rua Sete de Setembro.

O burburinho se instaurou. Um relâmpago riscou o céu azul. Um vento gélido percorreu todo o centro da cidade. Em instantes, o céu desapareceu sob nuvens escuras e densas. As pessoas começaram a se abrigar. Os carros parados no engarrafamento sofriam com o lixo que o vento trazia. Mais e mais relâmpagos eclodiam em meio às inesperadas nuvens. O vento se intensificava, mais frio e contundente. Nem uma gota sequer de água, no entanto, caía do céu.

Um raio atingiu a cruz na abóbada da Igreja da Candelária. O vento já arrastava as bancas de jornal e toda a sorte de barracas e

partes de lojas, lançando-as sobre os carros presos no tráfego. Algumas marquises antigas não aguentavam a força do vento e começavam a desmoronar, ferindo as pessoas que se abrigavam embaixo delas. Por alguns segundos, encompridados pelo medo que se espalhava no ar, pôde-se ter a nítida percepção do silêncio. Aquele instante de silêncio que sempre precede coisas ruins. De repente, as lâmpadas de todos os postes, assim como os vidros de todas as janelas dos prédios da Avenida Rio Branco, explodiram em uníssono. Um calafrio percorreu todos os corpos, de todas as pessoas, como uma corrente elétrica sendo transmitida de ponto a ponto. Telefones celulares eram vistos em mãos por toda parte, iluminando em pequenas doses a manhã escurecida. Interferência. Linhas congestionadas. Alguns conseguiam contato e notícias de que o fenômeno acontecia por toda a cidade. Não tardariam a descobrir que se espalhava por todo o mundo.

Ouvia-se ao longe as sirenes, variadas, presas no mar de automóveis, quase todos já abandonados por seus ocupantes. As nuvens adensaram-se mais.

Fez-se a escuridão.

CAPÍTULO 2

Um vazio compartilhado, repleto. Um terreno oco e morto. Uma dimensão que zombava do tempo, moldada à agonia daqueles que dependessem dele ou que dele extraíssem qualquer tipo de esperança. Não se tratava de um universo coerente, muito pelo contrário. Tratava-se de uma distorção. Uma falha. Uma rachadura amplificada por incontáveis lentes de aumento, incontáveis seres magnificando a mais pura essência do Mal. Extensões infinitas de terras infecundas, de pântanos pestilentos e venenosos. Rios lodosos feitos de lágrimas maléficas, de ódio, de sangue cândido, de esquecimento. Um universo feito de medo, de culpa e torpor. Uma prisão. Inferno.



Visto de cima, parecia um amontoado de esterco ressecado e imóvel. Jazia, metros abaixo, de dimensões assustadoras, seu protegido. Um gigantesco portão de bronze com símbolos marcados em brasa incandescente. Uma língua antiga, impronunciável há eras, morta. Morta como qualquer coisa que ultrapassasse aqueles muros.

Sua pele era composta de escamas viscosas que recobriam uma camada grossa de couro endurecido. Tinha quatro garras avantajadas que brotavam desproporcionalmente de seu torso e se encaixavam com perfeição nas alavancas do mecanismo que, quando necessário, abria e fechava os portões de cobre. Era isso que ele era, o Porteiro. Nada mais, nada menos. Não participara da criação do Reino das Trevas, ao menos não deliberadamente. De certa forma, seria até incorreto considerar que a Escuridão tivesse sido criada. O Porteiro tinha a missão de certificar que só os devidos merecedores adentrassem a Escuridão, e que nada mais saísse. Porém, nem tudo que

encerravam os portões de bronze permanecia assim. Algumas almas impuras sucumbiam à dor e ao sofrimento, eram consumidas pelo fogo eterno, transformadas em energia para alimentar o Mal. Outras evoluíam, absorviam o tormento inerente à Escuridão. Tornavam-se demônios maiores, sendo capazes de amplificar seu alcance e se comunicar com outros mundos. Buscavam algo que potencializasse sua força e pudesse promover sua ascensão, sua fuga. Buscavam algo ou alguém que acreditasse neles, dimensões onde pudessem ser nutridos, idolatrados. Há muito que o Porteiro desistira de perseguir e coibir tais criaturas. Cedo ou tarde, quem os invocava haveria de fazer-lhes companhia.

Um trovão ecoou no céu vermelho, turvo e disforme, tirando o Guardiã de seu transe habitual. Abriu os olhos felinos, a pupila elíptica dilatada. Pressentiu algo. Ergueu-se, e o som de seus ossos estalando e de seus músculos enrijecendo fez estremecer os muros metálicos que delimitavam a terra da danação eterna. Não havia temor. Era um monstro gigantesco, poderoso. Era o Guardiã da Terra Escura, o Porteiro do Inferno. Nada era capaz de causar-lhe alarme, nem mesmo o próprio Caído. Mas não era algo de tal porte que ele pressentia. Era algo pequeno, porém poderoso. Estranhamente poderoso, aliás. Avistou, no horizonte escarlate, cinco pequenos pontos chamejantes movendo-se velozmente em direção aos portões de bronze. Inspirou profundamente, como que farejando. Não sentiu nada novo. Eram almas mortais, recém retiradas de seus corpos, trazendo ainda o cheiro da carne. Mas não vinham com o Barqueiro, moviam-se por bruxaria. Tolas, achando-se capazes de invadir a Terra Escura. Nada além das quatro garras do Porteiro era capaz de ativar o mecanismo que liberava a passagem para as Trevas. Nenhum outro ser teria poder para romper aquela barreira, ao menos não algum que pudesse ter interesse nisso. Não se tratava de qualquer metal, de qualquer portão. Havia uma energia cósmica presente

naqueles limites que era tão antiga quanto a própria Criação, do contrário não seria capaz de conter quem ele continha. Aquelas almas insolentes encontrariam descanso para seu atrevimento nas águas de Lethes, onde aguardariam por seu destino infeliz.

Alguns instantes mais tarde, as chamas aladas já chegavam ao seu intuito. Guardião retirou as quatro alavancas, feitas de ossos espessos e grosseiros, que comandavam a abertura dos portões, e enterrou-as no próprio corpo, na altura do abdômen, soltando um leve rosnado por entre os dentes. Saltou, caindo ao encontro da base do muro, tocando o chão abruptamente com os pés. Postou-se em forma de ataque, as quatro garras em riste, os pés fincados ao solo, o corpo levemente arqueado para frente. As chamas dividiram-se, indo três em direção ao Porteiro, e seguindo o restante para os portões metálicos. As três almas incandescentes circularam o monstro, formando um turbilhão de fogo. A fera estacou, sentiu dor. Nunca sentira dor, ao menos não dor física. As chamas invadiram seu corpo, atravessando sua carcaça que, até aquele momento, fora considerada impenetrável. Sentiu-se comprimir, como se gigantescas mãos invisíveis pressionassem seu corpo. Caiu, batendo os joelhos no chão. Soltou um rugido ensurdecedor, similar a um brandir metálico. Sentiu cheiro de carne, gosto de carne. Maldito feitiço. Maldito.

CAPÍTULO 3

Luz. Guardião despertou. Sentiu os olhos arderem. Esforçou-se para focar. Nunca precisara se esforçar. Enxergou algo familiar. Um símbolo, um signo linguístico comum. Sabia ler a energia presente naquela imagem. Na realidade, sentia. O que para um ser tão antigo quanto ele valia muito mais do que saber. Retirou as costas do chão, colocando-se sentado. Olhou para si próprio, seus braços, seu corpo. Conhecia aquela forma de vida.

“Malditos... como teriam poder para tal feito?” – pensou.

Humanos. Seres pequenos, desprovidos de qualquer sabedoria transcendental. Sempre os mais desesperados quando desembarcados diante dos portões. Dotados do tão cobiçado livre-arbítrio. E dele, o que faziam? Usavam levianamente, zombavam de seus destinos. Chafurdavam em suas próprias ignorâncias, enfeitiçados pelo prazer da vida mortal, ludibriados pela própria onipotência de considerar a si como únicos. Raiva. Guardião sentia raiva. De novo. Após tantas eras.

“Minha forma deveria me tornar imune a feitiços tão limitados, conjurados por seres mortais. Como meros primatas poderiam usufruir, controlar tamanho poder?”.

Um poder que, de certo, não os pertencia. Eram primitivos. Fragmentos de centelha, não mais que isso. Guardião se adensava naquela raiva crescente, quando seus pensamentos foram interrompidos pela sensação de algo se aproximando. Olhou novamente para a estátua à sua frente. Aqueles seres idolatravam o Criador, ou ao menos pareciam idolatrar. O monumento ali simbolizava sacrifício,

mas pouco importava o símbolo em si. Todo objeto inanimado trazia em si uma assinatura da energia que era depositada nele. Aquele monumento possuía uma vibração residual de compaixão, esperança – certamente um reflexo da energia que lhe era projetada sobre. Talvez tivesse sido precipitado em considerar aquela espécie tão limitada. Olhou novamente seus braços recobertos daquela carne fraca e teve certeza disso. Deveria haver Luz naquela forma de existência. Conhecia bem a Escuridão. Só a Luz seria capaz de subjugar-lo daquela forma. Observou com mais atenção o local. Já não havia tanta luminosidade. A penumbra lhe era bem mais confortável, contudo não tanto quanto a habitual treva. Sentia que a ardência em seus olhos abrandava. Ergueu-se. Guardiã se convertera em um humano grande e corpulento. Estava nu e trazia símbolos espalhados por todo o corpo, estigmas.

Naquele mesmo cenário, porém sob outro ponto de vista, Ângelo caminhava com passos lentos e firmes. Com o máximo de discrição possível, ele conseguia observar toda a área de um ponto privilegiado. No entanto, não percebera antes aquele homem deitado no chão. Estranhara, pois estava certo de ter, poucos segundos antes, olhado ali. Ajustou o pequeno binóculo que trazia, afinal, poderia ser apenas um funcionário displicente tirando um cochilo. Não era. O homem estava nu. Estava erguendo o tronco. Tinha marcas pelo corpo, mas àquela distância não era possível precisar o que eram ou o que significavam.

“É ele. Tem que ser” – pensou.

Ângelo seguiu em direção ao homem, com o devido cuidado para que não fosse visto, mas sem perder muito do tempo que lhe era precioso. Trajava um casaco grande e cinza, que lhe cobria quase todo o corpo. Não trouxera armas. Sabia que, se suas suspeitas se confirmassem, de nada adiantariam. Armara-se com sua fé.

Guardião observava o humano, de estatura baixa quando comparada à sua, parado à sua frente.

– Se você é o Porteiro, venha comigo e lhe darei as respostas que procura – falou Ângelo, com a voz serena, mas tão firme quanto era possível naquela situação inusitada.

O Porteiro fechou os olhos e inspirou demoradamente, como que refletindo, raciocinando em busca de algo dentro de sua mente.

– Foste tu que me fizeste isto, humano? – bradou a criatura, separando os braços do corpo e fazendo referência a sua própria silhueta.

Ângelo se espantou com a fluência com que falava a criatura, mas, já que se tratava de um demônio, imaginou que teria de se acostumar a seus truques. Avaliara que o homem deveria ter mais de dois metros de altura, olhava para cima para respondê-lo:

– Não, mas sei quem fez.

Guardião respirou de forma lenta e pesada. Sua raiva crescia. Sentia a soberba no discurso daquele humano e imaginava seu pescoço quebrando tal como um galho seco. Considerava absurdo ter que dialogar com aquele inseto. Ter de fazer uso daquela forma tão primitiva de linguagem. Mas queria vingança, e se esta viesse através daquele primata, que assim o fosse.

– Onde encontro tal insolente, humano? Onde encontro aquele que farei pagar pelo atrevimento?

Guardião tentava conter a fúria para que a razão não lhe escapasse.

– Você saberá de tudo, demônio. Mas não agora, e não aqui – respondeu Ângelo, rispidamente.

O Porteiro sentiu suas entranhas queimarem. Conhecia aquele sentimento como poucos.

– Não me dirás o que fazer, humano! E jamais me chamarás de demônio novamente – gritou a criatura, abruptamente abandonando sua inércia.

Guardião avançou sobre Ângelo, com o braço estendido, buscando alcançar fatalmente a garganta do humano. Sentiu, no entanto, sua cabeça doer, seus olhos falharem. Estava fraco, sentia dor novamente. "*Maldita dor... maldita carne*", pensou, enquanto levava um dos joelhos ao chão. Olhou nos olhos do humano. Ângelo estremeceu. A criatura ainda tentou uma nova investida, alavancando-se do chão, mas seu corpo desfaleceu e caiu, inerte. Ângelo se afastou. Fez um breve sinal da cruz. Enfiou a mão no bolso da calça e retirou um telefone celular.

– Precisamos sair daqui. Rápido – disse ao telefone antes de desligá-lo.

CAPÍTULO 4

Já passava das quatro da manhã quando Lúcio ouviu o telefone tocar. Estava parado ali naquele acostamento desde antes da meia noite. Não sabia exatamente o que estava acontecendo, mas sentia, pelo nervosismo e apreensão de seu velho amigo, tratar-se de algo muito importante. Deixara Ângelo no acesso ao monumento do Cristo Redentor pouco antes do anoitecer, com instruções para aguardar a distância por um telefonema seu. Tentou ficar por perto, mas percebeu que atrairia a atenção dos policiais que faziam ronda por ali. Simulou um enguiço com o carro e estacionou na estrada das Paineiras, pouco antes da subida para o morro do Corcovado, com a desculpa de que aguardava por auxílio mecânico. Nunca vira Ângelo tão inquieto. Pegou o celular na bolsa que trazia consigo. Uma chamada perdida.

Trabalhava com Ângelo, a quem considerava um grande amigo, há mais de duas décadas. Nunca o percebera tão tenso quanto estava nos últimos tempos. Lúcio fazia apenas o que lhe era ordenado, não discutia nem tentava se envolver no trabalho do amigo e patrão. Achava melhor assim. Quanto menos soubesse, menos se preocuparia. Ganhava o suficiente para, junto com o dinheiro das faxinas que a esposa fazia, manter o seu garoto com algum conforto e saúde. Eram tempos difíceis aqueles. Não sabia se as coisas eram caras demais ou se era ele que ganhava muito pouco. Mas se considerava privilegiado mesmo assim, não era muito de reclamar. Agradecia a Deus pela sua saúde, de sua esposa e do menino Mateus. O telefone tocou novamente. Lúcio sentiu o coração acelerar. Atendeu. Era hora de voltar.

Lúcio sabia que não conseguiria passar pela praça do pedágio pela avançada hora, então decidiu subir pela mata, seguindo a

Estrada de Ferro Corcovado. Acessou os trilhos pela interseção com a estrada das Paineiras e iniciou sua caminhada. O trecho era todo em aclive, o que, unido à preocupação em não ser visto, consumiu quase uma hora de percurso.

No acesso à estação de trem do monumento, Lúcio tentou ligar novamente para Ângelo, mas o telefone estava sem sinal. Passou pela mata, longe dos seguranças, sendo o mais discreto e silencioso possível. Avistou Ângelo escondido cerca de cem metros à sua frente, atrás de alguns arbustos. Estava agachado, ao lado de um homem nu deitado no chão. Trazia consigo um macacão a pedido de Ângelo, e só então entendia o porquê. Como já era seu costume, decidiu evitar as perguntas que lhe vinham à mente. Sabia que Ângelo era um homem de bem, e, se fosse para carregarem um sujeito desacordado mata adentro, tinha certeza de que nada de ruim estaria vinculado a isso.

– Mas esse cara é pesado, hein! – sussurrou Lúcio, enquanto vestiam a criatura.

– Vamos rápido, Lúcio, não quero que ninguém nos veja. Os projetores já apagaram há muito tempo, e logo vai amanhecer, temos que aproveitar enquanto ainda está escuro para sairmos daqui.

Levantaram o homem com dificuldade e começaram a arrastá-lo pela linha do trem, sempre se certificando de estarem passando da forma mais discreta possível, pois seria bem complicado explicar o que faziam ali. Pararam para descansar algumas vezes, devido ao terreno irregular e, principalmente, ao peso avantajado da criatura. Arrastaram o homem pela mata e desceram até o carro. Colocaram o Porteiro no banco traseiro da Parati e trancaram as duas portas de trás. Lúcio deu partida no carro e seguiram em silêncio rumo ao centro da cidade.

◆ ◆ ◆

Pouco mais de seis horas da manhã, céu claro, sem nuvens. A cidade do Rio de Janeiro começava mais um domingo normal de inverno. Ângelo estava absorto em suas suposições quando ouviu a voz de seu fiel companheiro:

– Já chegamos.

Estacionaram o veículo na Praça Pio X. Retiraram o homem, ainda desacordado, do banco do carro e o levaram até a parte dos fundos da Igreja da Candelária. Ângelo empurrou uma parte específica da parede, um ressalto equivalente a uma das colunas de sustentação, que cedeu, movendo-se para trás. Com a ajuda de Lúcio, moveu-a para o lado, deixando livre uma pequena passagem, de menos de um metro de largura, com altura suficiente apenas para que alguém encurvado entrasse. Ângelo certificou-se de que ninguém o observava. Esperou que um mendigo cambaleante, aproximando-se a passos incertos, se distraísse com alguma coisa. Entraram e vedaram a passagem. Na parte de dentro, um cubículo escuro era ocupado desconfortavelmente pelos três homens. Ângelo girou uma extremidade da lanterna que trazia consigo e iluminou o recinto. Deu um passo à frente, na única dimensão em que a diminuta câmara possuía mais de um metro e meio. Agachou-se e puxou um cabo de aço que saía de um orifício no chão.

Lúcio permanecia semiereto amparando o corpo do gigante desmaiado. Ângelo usou o cabo de aço para arrastar uma laje que revelava uma escada, a qual descia e sumia em uma curva. Vencida essa escada, que dava acesso a um subsolo secreto da igreja, encontrava-se o centro de pesquisas de onde saíram horas antes. Ângelo Fontana era um "ex-padre" da Igreja Católica, dispensado do exercício doze anos antes, após uma investigação que o condenou por desenvolver atividades ligadas ao ocultismo e heresia. O Ângelo que atravessava aquele buraco na parede, no entanto, não era o mesmo que dali saía muitas horas antes. Vinha resolutos, cientes do dever cumprido, ao menos parte dele àquela altura. Aquele homem que

arrastavam, ao que tudo indicava, dava sentido a todos os seus longos anos de busca e pesquisa, tirava de seus ombros a sombra da loucura. Agora poderia ter certeza, absoluta e inegável. Ângelo olhou ao redor assim que terminou o último degrau da escada.

O lugar tinha o máximo possível em estrutura para sobreviver independente do mundo exterior. Possuíam um sistema de ventilação que lhes garantia ar. Havia ainda um depósito para suprimentos e um pequeno gerador movido à gasolina que era raramente usado. Contavam com uma instalação elétrica clandestina possibilitada por dutos camuflados sob o solo, usando a energia dos postes de iluminação. A área era subdividida em alguns cômodos menores, que serviam como aposentos, banheiros ou pequenas salas. Por toda a sala principal, que era só um pouco maior que as outras, espalhavam-se livros antigos, toda a sorte de ilustrações e alguns computadores. Ao contrário do que se poderia supor por uma organização criada e liderada por um homem que fora padre boa parte da sua vida, o grupo ali formado não tinha conexões com a Igreja e muitos nem religiosos eram. Tratava-se de um grupo bastante heterogêneo, constituído, em grande parte, por amigos ou pessoas ligadas de alguma forma pouco ortodoxa a Ângelo. Alguns eram amigos de longa data, outros, por sua vez, não eram muito mais do que prestadores de serviço pagos para falarem pouco e perguntarem menos ainda. Nunca se soube ao certo de onde Ângelo tirava o dinheiro que sustentava aquele lugar. Sabia-se, sim, que algumas perguntas não eram feitas, outras não eram respondidas, e assim o pequeno “clube de investigação” se mantivera, por mais de quinze anos.

Ângelo e Lúcio levaram o homem desacordado até um quarto vazio, onde o deixaram acorrentado a uma cama. Ângelo se sentou e deixou que o corpo desabasse, esgotado pela recente aventura. Era um homem de pouco mais de cinquenta anos, mas aparentava ter

mais do que isso. Cabelos grisalhos, olhos claros e pouco expressivos, gélidos até. Tinha o rosto sulcado, uma aparência cansada que, por vezes, era subjugada por um vigor juvenil, como na última noite, em que saíra para sua missão sombria. Sentiu suas pálpebras pesarem. Aproveitaria aqueles instantes para um breve cochilo.

CAPÍTULO 5

Uma excitação velada se instalou no ar do escritório improvisado no subsolo da Igreja da Candelária. Nem todos estavam presentes, alguns ainda no caminho, retornando da mesma empreitada de Ângelo. Os poucos ali, entretanto, sabiam o que significava o regresso do velho padre e seu novo amigo. Na sala principal, próximo aos computadores, encontravam-se dois dos cinco principais pesquisadores da equipe.

Nícolas e Lívia se conheceram oito meses antes. Ela, formada em Sociologia, ajudava Ângelo já há algum tempo com as pesquisas e fora quem contactou Nícolas, um nerd-hacker habilidoso, mas de comportamento errático. O grupo, um tanto maior, trabalhava em turnos diretamente no complexo abaixo da Igreja da Candelária. Tentando conter um misto de euforia e consternação, eles conversavam reservadamente. Se por um lado era reconfortante saber que anos de pesquisa e trabalho em busca de algo tão pouco concebível não tinha sido resultado de devaneios de um velho sacerdote, era muito desalentador constatar o que encontrar aquela criatura representava. Tratava-se de um presságio sombrio. Afinal, se Ângelo estivesse certo sobre quem trazia consigo, sobre tantas coisas antes infundadas, ele poderia também estar.

– Você chegou a ver? – perguntou Lívia, que chegara minutos após Ângelo e Lúcio.

– Vi só quando eles subiram com ele – disse Nícolas, quase sussurrando.

– E aí, como é a figura? Tem três cabeças, cara de cachorro? – Lívia não disfarçava o sorriso nervoso escapando dos lábios.

– O que eu vi só tinha uma cabeça mesmo... – Nicolás parou para rir da brincadeira da amiga. – O maluco é imenso, cara. Parece até o *Conan* – emendou, meio estabanado, aumentando o tom de voz da conversa.

– Parece corno? O cara tinha chifre?

– Claro que não, Lívia! *Conan, O Bárbaro!* Gigantão, tipo assassino mercenário sabe... Eu, hein, tudo bem não ler quadrinhos, mas parece que nunca viu um filme na vida...

Lívia liberou uma gargalhada pouco contida diante do jeito engraçado de Nicolás falar, gesticulando e se remexendo todo.

– Mas, falando sério, Nico, o cara era normal? Dois braços, duas pernas? Parecia gente?

– Claro que ele parecia gente, Lívia. Você tem cada uma... ia parecer com o quê?

Lívia deu de ombros.

– Era só um cara grandalhão... – continuou Nicolás. – Não deu pra ver muito porque eles entraram rápido arrastando o cara, e você sabe como é o velho, né? Não gosta de muita farofa... mas não tinha nada de sobrenatural... aliás, eu só acredito nesse lance de belzebu pós-moderno se o malandro fizer uns efeitos especiais... porque grande por grande o vizinho maromba da minha tia também é...

Lívia riu enquanto balançava a cabeça para os lados.

– Não sei, não... Você sabe que eu também sou cética pra essas coisas do “além” – Lívia frisou a palavra -, mas o Ângelo nunca insinuou esse tipo de, sei lá, “possessão” ... Aí, de uns tempos pra cá, ele cisma com um treco desses e depois encontra o sujeito? Ou o velho, como você diz, enlouqueceu de vez, ou sei lá...

– É justamente esse “sei lá” que *tá* me revirando a barriga, Lívia...

Ficaram alguns instantes em silêncio, mergulhados em suposições quase infinitas. Além de Nicolás e Lívia, havia mais duas pessoas no escritório-esconderijo, distanciadas um pouco, mas não o